CARTOGRAFIA DE PESQUISAS EM PROCESSO - PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM CAMPO EXPANDIDO – TRABALHO DE CAMPO, IMERSÕES, ITINERÂNCIAS, AÇÕES EM TEMPO REAL

UM SERTÃO NO SUL DO SUL DE CARMELO BENE

SILVIA BALESTRERI

Este trabalho pretende realizar uma fricção entre o que encontrei em viagem à terra de Carmelo Bene, a Puglia, na Itália, em uma primeira incursão exploratória realizada em outubro e novembro de 2014, e, como denominei os achados de então, o “meu sertão”, através de elementos de uma leitura do livro Grande Sertão: Veredas. Desde maio de 2014, em viagens a Paris e a mais de uma cidade da Itália, em encontros com pessoas fortemente ligadas a Bene, expus-me a ondas que guardavam alguma intensidade de experiências vividas por essas pessoas com o artista, como espectadores, amigos ou sobreviventes dos choques provocados, nas mais diversas ocasiões, por sua figura pública. No momento de preparação da viagem à região, o professor Piergiorgio Giacchè, amigo e estudioso de Bene, aconselhou-me a anotar o que havia de meu naquele encontro, minhas sensações e percepções, e que eu deixasse Carmelo Bene se aproximar de mim como fantasma, para que ele me assombrasse, pois os fantasmas não se fixam. Nessa região, em diferentes cidades, Bene viveu a infância e adolescência, veraneou na idade adulta, planejou instalar uma fundação para abrigar seus arquivos pessoais, escreveu, esboçou espetáculos, filmou. Contrariando minhas próprias expectativas de encontrar na região primordialmente traços e resquícios de meus antepassados italianos, tive a impressão de que ali havia um sertão. Essa impressão foi forte e é ela que será convocada e confrontada no momento de redigir e apresentar este trabalho. Para tanto, revisitarei uma leitura livre, de influência deleuzeana, que fiz

da obra-prima de Guimarães Rosa, em especial, as passagens que destaquei nela com referências ao sertão. Veremos o que tais assombrações têm a dizer.

PALAVRAS-CHAVE: Carmelo Bene: Puglia: Salento: sul do Sul: sertão

RESUMEN

Este trabajo apunta a plasmar una fricción entre lo que encontré durante un viaje a Apulia, en el sur de Italia, la tierra de Carmelo Bene, como una primera incursión exploratoria que realicé entre octubre y noviembre de 2014, y –tal como los denominé a los hallazgos de entonces– "mi sertón", a través de elementos de una lectura del libro *Gran Sertón: Veredas*. Desde mayo de 2014, en viajes a París y a más de una ciudad de Italia, en encuentros con gente fuertemente ligada a Carmelo Bene, me expuse a olas que guardaban alguna intensidad de experiencias vividas con el artista por esas personas, en carácter de espectadores de sus obras, como amigos muy cercanos o sobrevivientes a los choques provocados en las más variadas ocasiones por su figura pública. Al momento de la preparación del viaje a la región a la que Carmelo Bene llamaba "el sur del sur de los santos", también conocida como comarca de Salento, Piergiorgio Giacchè, amigo y estudioso de Bene, me aconsejó que anotara lo que había de mío en aquel encuentro: mis sensaciones y mis percepciones. Y que dejase que Carmelo Bene se acercara a mí como un fantasma, para que me espantase, pues los fantasmas no están fijos. En esa comarca, Bene pasó su infancia y su adolescencia, veraneó cuando adulto y pretendía instalar una fundación destinada albergar sus archivos personales, también escribió, esbozó espectáculos y filmó. Contrariando mis propias expectativas de encontrar primordialmente rasgos y restos de mis antepasados italianos, tuve la impresión de que había allí un sertón. Esta impresión fue fuerte, por eso la convocaré y la confrontaré al momento de redactar y presentar este trabajo. A tal fin, revisitaré una lectura libre – de influjo deleuzeano– que elaboré de la obra maestra de Guimarães Rosa, especialmente los pasajes que recorté en ella con referencias al sertón.

Veremos qué tienen por decir tales apariciones.

PALABRAS CLAVES: Carmelo Bene: Apulia: Salento: sur del Sur: sertón

ABSTRACT

This paper is intended to produce a friction between the findings I made on my trip to Puglia - south of Italy, the birthplace of Carmelo Bene - undertaken in

2014, and "my own *sertão*" [backlands] using elements that I had highlighted from a reading of Guimarães Rosa's *Grande Sertão: Veredas* [The Devil to Pay in the Backlands]. Starting in May 2014 on my trips to Paris and various Italian towns, where I met with people strongly connected with Carmelo Bene, I was exposed to waves that maintained some of the intensity of the experiences that those people had had with the artist, as spectators, close friends, or as survivors of the shocks provoked by his public persona in a variety of occasions. As I prepared for the trip to the region that Carmelo Bene called "the south of the south of the saints", also known as Salento, professor Piergiorgio Giacchè, a friend of Bene's and an expert on his work, suggested that I took note of what was mine in that encounter with Puglia, my sensations and perceptions, and also that I should let Carmelo Bene come to me as a specter, so that he would haunt me, because ghosts do not fix themselves. It was in this region that Bene spent his childhood and adolescence, as well as many summers as an adult. Here he intended to set up a foundation to house his personal archives, he wrote, worked on ideas for performances and made films. Contrary to my expectations of finding in this region traces and vestiges of my Italian forbears, I had, instead, a sensation that I had found a *sertão* there. It was a strong sensation, and it is that sensation that will be evoked and confronted when I write and present this paper. In order to do that, I will revisit a free – albeit influenced by Deleuze – reading that I made of Guimarães Rosa's masterpiece, particularly the passages that I highlighted referring to the *sertão*.

We shall see what these hauntings have to say.

KEYWORDS: Carmelo Bene: Puglia: Salento: south of the South: sertão

> *"Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo."* (Guimarães Rosa)

> *"A gente viaja com nossa fome. A minha podia ser também uma fome intelectual, ou uma sede intelectual. Porque podemos deixar a Puglia, mas a Puglia não nos deixa."* (Carmelo Bene)[i] [ii]

Interesse e curiosidade acerca da obra de Carmelo Bene foram despertados em mim pelos materiais raros que me presenteou o professor Jean-Paul Manganaro, seu amigo e tradutor na França, quando, em 2003, um ano após a morte de Bene, o visitei em busca de alguma imagem do artista. Ainda não havia *youtube* e o que se conseguia, na internet, à época, eram fotografias e áudios em endereços genéricos.

As primeiras informações sobre essa obra me chegaram através do texto de Deleuze Un Manifeste de Moins, indicada a mim durante o doutorado por meu orientador Prof. Luiz Orlandi. Uma curiosidade leve, suscitada por Deleuze, transformou-se no encontro com um verdadeiro tesouro de filmes, polêmicas, textos, processos criativos e posicionamentos políticos.

Desde maio de 2014, em viagens a Paris e a mais de uma cidade da Itália, em encontros com pessoas fortemente ligadas a Carmelo Bene, expus-me a ondas e linhas que guardavam alguma intensidade de experiências vividas por essas pessoas com o artista, como espectadores de suas obras ou como amigos muito próximos e privilegiados

devotos de sua figura privada, ou sobreviventes dos choques provocados, nas mais diversas ocasiões, por sua figura pública.

No momento de preparação da viagem à região que Carmelo Bene chamava "o sul do sul dos santos", também conhecida como região de Salento, o professor de Antropologia Teatral Piergiorgio Giacchè, amigo e estudioso de Bene, aconselhou-me a prestar atenção e anotar o que havia de meu naquele encontro com a Puglia, minhas sensações e percepções, e que eu deixasse Carmelo Bene se aproximar de mim como fantasma, para que ele me assombrasse, pois, lembrou ele, "os fantasmas não se fixam".

> O Salento é pequeno, isolado, ignorado: um torrão de terra fechada que termina no salto da bota. E a Itália parece uma bota somente se vista do céu, quando estendida em terra se torna um corpo dividido em cabeça, barriga e pés: a cabeça do norte industrial e europeu, a barriga do centro, da Roma política e papal, e os pés do sul, sobre o qual se desperdiçam desde sempre estereótipos vulgares e fétidos. O pé, como se sabe, é a parte mais baixa e negligenciada de um corpo, mesmo que seja a que, no fim, suporta o seu peso. E o calcanhar é a parte posterior e escondida, aquela que a mitologia considera mais frágil e indefesa. (GIACCHÈ, 2012: 321)[iii]

Nessa região, Bene viveu a infância e adolescência, veraneou por muitos anos na idade adulta, pretendia instalar uma fundação para abrigar seus arquivos pessoais e expô-los à visitação e pesquisa – em Otranto – e, também, em outra cidadezinha litorânea - Santa Cesarea Terme, na casa de sua família - escreveu, esboçou espetáculos, filmou. Contrariando minhas próprias expectativas de encontrar na região primordialmente traços e resquícios de meus antepassados italianos, tive a impressão de que ali havia um sertão. Essa impressão foi forte e é ela que será convocada e confrontada aqui.

Escrevo essas palavras imediatamente após uma segunda viagem à Puglia, mais especialmente à região de Salento, que é o Sul de Carmelo Bene. Essa segunda viagem, realizada em setembro de 2016, trouxe mais fortemente a pergunta: o que é uma sensação? E para que serve? Não busquei, neste segundo momento, assim como não buscarei nessa exposição, uma confirmação de tipo positivista para essa sensação. Não se trata de comprovar ou rechaçar objetivamente uma hipótese. Uma sensação não é uma hipótese. Buscar comprovação científica, no sentido de uma objetividade de dados a partir de controle de variáveis, é o mais distante que se pode estar da contribuição de Carmelo Bene para as artes e a vida em geral.

> Artezinha. Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas... (ROSA, 2001: 590)

> Submergir a própria origem – não necessariamente conectada ao nascimento – em terra de Otranto é destinar-se um real-imaginário. (BENE, 2005/2014: 07)[iv]

Quando o professor Giacchè indicou que eu prestasse atenção em minhas sensações e impressões, não necessariamente se referiu ao conceito deleuzeano de "sensação", embora ele nos sirva bastante aqui. E o professor, dado a características suas e talvez ao convívio que teve com Bene, também parece estar impregnado desse modo de pensar a arte e a pesquisa em arte que considera as sensações que as obras e outros acontecimentos nos despertam. Sensação, segundo Le Vocabulaire de Gilles Deleuze, de Sasso e Villani, "é o processo de encontro entre a onda que percorre o corpo e as forças invisíveis exteriores que agem sobre ele", e a lógica desse processo – lógica da sensação – é apresentada no estudo que Deleuze faz da pintura de Francis Bacon (SASSO; VILLANI, 2003: 222).

A propósito de Bacon, Deleuze diz que, em arte, "não se trata de reproduzir ou inventar formas, mas de captar forças" (...), pois "a tarefa da pintura é definida como a tentativa de tornar visíveis forças que não são visíveis" (DELEUZE, 2007: 62), por isso, a pintura não seria figurativa, o mesmo valendo para a música. Tomando também o que escreve com Guattari, no livro O Que É a Filosofia?, em que diferenciam ciência, filosofia e arte, e destacam que esta opera por blocos de sensações, talvez seja um pouco forçado eu considerar uma sensação que tive em minhas andanças na terra de Carmelo Bene como uma sensação nesse sentido deleuzeano. Afinal, não se tratava da arte de Carmelo Bene, eu não estava, naquele momento, exposta, por exemplo, a um de seus espetáculos ou filmes.

> A razão normal de coisa nenhuma não é verdadeira, não maneja. Arreneguei do que é a força – e que a gente não sabe – assombros da noite. A minha terra era longe dali, no restante do mundo. O sertão é sem lugar.(ROSA, 2001: 370)

> No momento em que este Pensamento é im-pensado, se des-pensa, descendo mais e mais até Capo Leuca. Ali começa a Magna Grécia. Ao sul do Sul. Magna Grécia é o impensar do pensamento do Sul. (BENE, 2005/2014: 08)[v]

> Sertão, - se diz -, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, o próprio, mesmo. Ia fazendo receios, perfazendo indagação. (ROSA, 2001: 397)

Para dar consistência e continuidade ao exercício a que me propus aqui, aproveito os escritos de Virgínia Kastrup, que tomam a cognição do ponto de vista do artista e, assim, se detêm sobre a aprendizagem inventiva. Segundo Kastrup, partindo de Deleuze, a aprendizagem, em vez de ser solução de problemas ou a passagem de uma estado de não-saber para um estado de saber, é sobretudo "experiência de problematização", de

invenção de problemas, de estranhamento. Ao contrário da experiência de recognição ou reconhecimento, em que há uma síntese convergente das faculdades de sensibilidade e memória – por exemplo, eu reconheço que essa é minha casa, essa é minha cama, esse é meu cachorro, etc –, na experiência de problematização, "as faculdades – sensibilidade, memória, imaginação – atuam de modo divergente" (KASTRUP, 2001: 207). Um dos exemplos que a autora traz é o estranhamento que nos assalta quando viajamos a um país estrangeiro, em que gestos familiares nem sempre convergem para o mesmo resultado, denunciando o que há de fabricado em nosso cotidiano mais banal – por exemplo, abrir uma torneira, atravessar uma rua, etc.

Ressaltando que a aprendizagem começa quando estranhamos ou problematizamos, quando as faculdades se elevam a um exercício disjunto, e sendo estudiosa do campo da Psicologia Cognitiva, Kastrup lembra que, no estudo da aprendizagem, ao longo da história da psicologia, esta foi tratada segundo o modelo da ciência moderna. Propõe-se, então, com Deleuze, Guattari, Maturana, Varela, Bergson e outros autores a uma abordagem da aprendizagem do ponto de vista da arte, em outras palavras, problematiza a aprendizagem tendo a arte como perspectiva. Não cabe aqui uma apresentação minuciosa desses estudos, para os quais remetemos aos vários artigos que a autora tem produzido desde a publicação de sua tese de doutorado (KASTRUP, 2007). Destaco, entretanto, a ênfase na fluidez da matéria, que precisa ser acessada para que uma aprendizagem se dê. Baseada em Bergson, Kastrup ressalta:

> A força que move a criação de um poema, por exemplo, precisa ser encarnada em uma matéria linguística. É preciso acessar a fluidez que a linguagem, como qualquer matéria, possui. Da mesma maneira, fazer uma escultura é extrair do bronze ou do mármore uma fluidez, para criar um braço que pende, um olhar, um desalinho dos cabelos, um corpo em estado de relaxamento, a elegância de um passo de dança. (KASTRUP, 2001: 212)

Esses são exemplos de criações artísticas, mas, no mesmo artigo, encontramos também menção a atividades mais cotidianas:

> Tomando como exemplo a arte da cozinheira, pode-se dizer que a arte de cozinhar está presente quando a relação com os ingredientes não é regida por regras ou receitas prontas. Cozinhar como artista é inventar novos pratos e novos sabores lidando com fluxos, cores, odores, texturas, consistências, nuances. Atingir o ponto de vista da arte na cozinha envolveu uma molecularização de sua percepção e de sua ação, todo um aprendizado sensório-motor, toda uma familiaridade com um certo sistema de signos, que foi utilizada para a criação de pratos e sabores singulares e inéditos. (KASTRUP, 2001: 2019)

Há, nesse mesmo texto, exemplos de aprendizagens de atividades outras: daquilo que está envolvido na atividade de um jogador de futebol, de alguém que aprende a dirigir automóveis, de quem escreve um romance. Podemos retomar nosso propósito aqui e considerar o que pode haver de aprendizado acerca de uma obra teatral, que já não mais existe, mas que insiste na memória sensível de quem a testemunhou, e o que dela é possível acessar através do contato com um território que a inspirou ou onde algo dela se constituiu. Trocando em miúdos, de que serve ou serviu eu ir à Puglia para uma aproximação à obra de Carmelo Bene? Retomarei essa questão mais adiante.

Nas entrevistas e autobiografias de Bene, há muitas menções a essa região do sul da Puglia, a região de Salento. Também seus filmes e seu único romance bebem nas imagens dessa região. San Giuseppe, o santo ao qual ele dedicou um importante texto – A Boccaperta –, viveu em Copertino, e é padroeiro dessa pequena cidade salentina. Assim que, ao menos para acompanhar com mais proveito as tantas referências de Bene a aspectos e características dessa região, as duas viagens que fiz a esse sul da Itália me permitiram alguma aproximação a esse universo inspirador. Mais especificamente, em minha primeira viagem, me surpreendeu essa sensação que nomeei de “meu

sertão", algo como: encontrei um sertão na Puglia. Um sertão de Carmelo Bene? Em uma segunda viagem, empreendida em setembro de 2016, busquei fugir da tentação da comprovação ou refutação dessa ideia que se apresentara a mim dois anos antes. Nem me esforcei para comprovar geográfica ou historicamente, nem me surpreendi por não ter tido, nessa segunda vez, uma impressão com a mesma força de antes.

> O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração? (ROSA, 2001: 601)

Há algumas características sociológicas e históricas que podem funcionar como pistas: a presença árabe nas duas regiões – sertão brasileiro e Salento – a pobreza em relação a outras regiões do respectivo país, a hospitalidade e o orgulho de serem hospitaleiros, a falta de recursos, como transporte precário entre os variados vilarejos, dentre outros fatores. Eis uma afirmação de Carmelo Bene presente em um apanhado biográfico publicado na França:

> Culturalmente, eu não sou italiano, mas árabe. (...) A Puglia era uma terra muito pobre. Ela gerou um santo, aliás: São José de Copertino, que voava pelos ares. Eram pessoas que, não sabendo caminhar, voavam. Veja o barroco de Lecce: tão totalmente arbitrário, tão verdadeiramente anárquico, tão louco. E era feito por artesãos: nem uma assinatura sequer... (BENE apud HERRY,1977: 107-108)[vi]

Giacchè também chama a atenção para as construções feitas de *pietra leccese*, tipo de pedra encontrada na região de Lecce, de característica esfarinhada que muda o aspecto das edificações sob ação do tempo. E o que dizer de uma igreja, que homenageia um santo ou outro, conforme se constata na imagem a seguir?

"Igreja de Santo Antônio de Pádua ou de São José"

(grifo nosso)

Lecce – Puglia



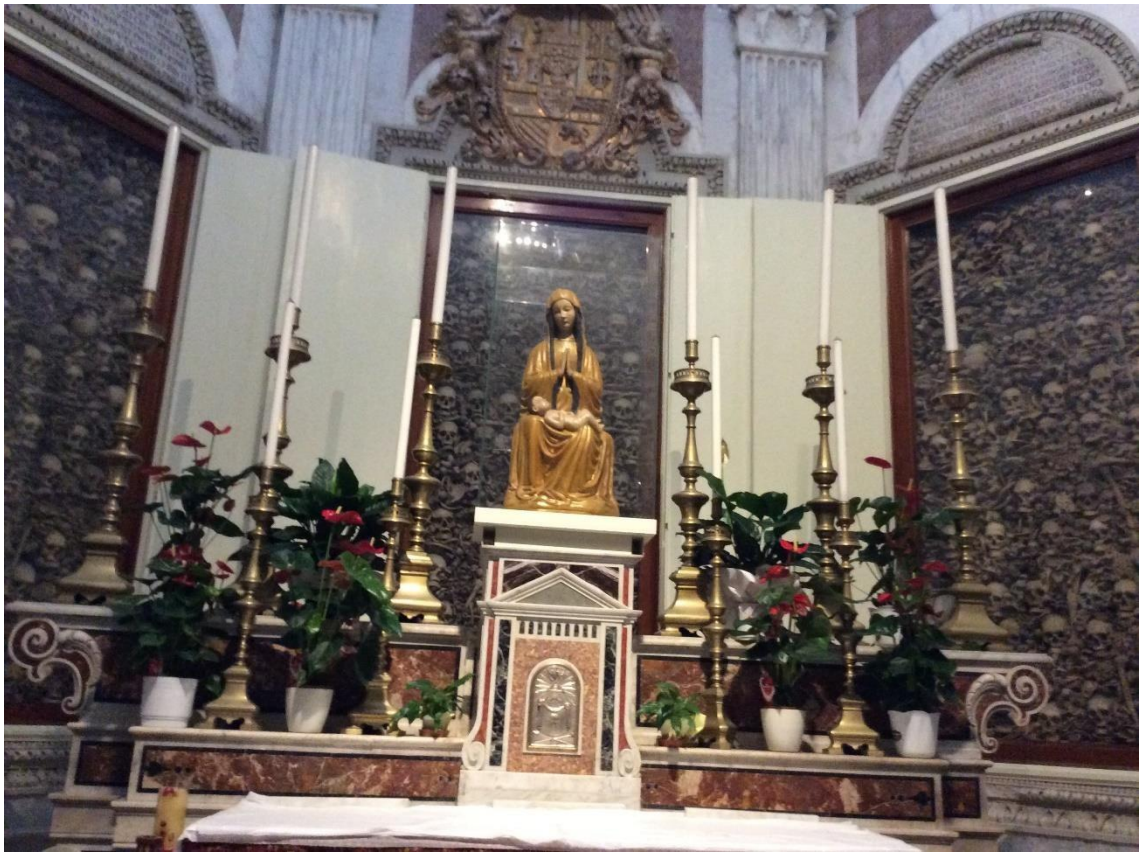
Arquivo de pesquisa – 2016

Ou ainda Bene, em sua primeira autobiografia:

> Otranto. Desde sempre um magnífico, religiosíssimo bordel, casa de cultura que admite confluências islâmicas, hebraicas, árabes, turcas, católicas. (...) quando se diz Puglia, não se deve jamais confundi-la com aquela porção do Salento, bem pra baixo, até Capo Leuca, ainda chamada Magna Grécia; onde, até há poucos

anos, os portuários gregos podiam ser ouvidos nos dialetos nativos de Calimera, Galipoli, etc. (BENE, 2005/2014: 07)[vii]

Catedral de Otranto – vitrines com ossadas de santos mártires
Locação do filme Nostra Signora dei Turchi, de Carmelo Bene (1968)



Arquivo de pesquisa - 2014

Quando comecei a estudar Deleuze, logo após minha graduação, escrevi em certa ocasião que já, antes, convivia com as ideias dele, pois as encontrava em minhas leituras dos poetas Mário Quintana e Manoel de Barros. Posso dizer a mesma coisa quanto a Marcel Proust e Guimarães Rosa. Saindo do rol das curiosidades, é útil ressaltar que parte do que coletei e trago para este texto pode talvez ser chamado de fluxos sertanejos no romance Grande Sertão: Veredas. Realizei no romance uma operação parecida com a que havia feito, anos antes, na obra Em Busca do Tempo Perdido, de Marcel Proust. Nessa, inspirada pelas provocações de Deleuze (DELEUZE, 2010), marquei e destaquei as formulações acerca de diversos universos por onde circulava o Narrador: arte, teatro, relações amorosas, estratégias, medicina, etc. Quando li Grande Sertão: Veredas, saltaram pra mim vários achados, como em Proust, alguns dos quais nomeei da seguinte maneira: amor, vida/viver, outrar-se, devir, tempo, narrativa, medo, aprender e sertão, entre outras.

Listo, a seguir, algumas outras passagens que separei em ROSA (2001) com a palavra ou temática sertão:

> O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniães... O sertão está em toda parte. (p.24)

> Ah, mas no centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser razão mais certa e de mais juízo. (p. 301)

> Sertão é sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão:

é dentro da gente. (p. 325)

Me alembrei dela: todas as minhas lembranças eu queria comigo. Os dias que são passados vão indo em fila para o sertão. Voltam, como os cavalos: os cavaleiros na madrugada – como os cavalos se arraçoam. (...) Jagunço é o sertão. (p. 327)

O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo de raiz? Não se tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve. Isto é assim. Desde o raiar da aurora, o sertão tonteia. Os tamanhos. A alma deles. (p. 331)

E nisto, que conto ao senhor, se vê o sertão do mundo. Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe – mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho? (p. 359)

Bobéia minha? Porque os companheiros, indo cuidando de seu ramerrão comum, nenhum não punha tento em dessas ideias. Então era só eu? Era. Eu, que estava malinvocado por aqueles catrumanos do sertão. Do fundo do sertão. O sertão: o senhor sabe. (p. 406)

-“O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado...” – ele seo Ornelas dizia. –

“O sertão é confusão em grande demasiado sossego...” (p. 470)

O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga. (p. 506)

Travessia – do sertão – a toda travessia. (p. 518)

Agora, eu velho, vejo: quando cogito, quando relembro, conheço que naquele tempo eu girava leve demais, e assoprado. Deus deixou. Deus é urgente sem pressa. O sertão é dele. (p. 519)

- "Mano velho, tú é nado aqui, ou de donde? Acha mesmo assim que o sertão é bom?..." (...) Bestiaga que ele me respondeu; e respondeu bem, e digo ao senhor: (...) - "Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano! - ... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo." (p. 537)

O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece debaixo da gente... E – mesmo – possível o que não foi. O senhor talvez não acha? (p. 538)

A doidivã, era uma afiançada mulher. No sertão tem de tudo. (p. 544)

Sertão velho de idades. Porque - serra pede serra - e dessas, altas, é que o senhor vê bem: como é que o sertão vem e volta. Não adianta se dar as costas. Ele beira aqui, e vai beirar outros lugares, tão distantes. Rumor dele se escuta. Sertão sendo do sol e os pássaros: urubú, gavião — que sempre voam, às imensidões, por sobre … Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e se abaixa. Mas que as curvas dos campos estendem sempre para mais longe. Ali envelhece vento. E os brabos bichos, do fundo dele … (p. 558)

> E entendi que podia largar ido meu sentimento: no rumo da tristeza ou da alegria – longe, longe, até o fim, como o sertão é grande... (pp. 576 e 577)
>
> Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme. (p. 591)

Ao que parece, esse sertão é devir. Zourabichvili explica o devir deleuzeguattariano como o conteúdo próprio do desejo, pois desejar é se abrir aos devires: “Não se abandona o que se é para devir outra coisa (imitação, identificação), mas uma outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve na nossa e a "faz fugir". (ZOURABICHVILI, 2004: 24-25) E não foi isso mesmo o que fez com Riobaldo seu amor por Diadorim?

E Carmelo Bene, o que mais traz sobre o Salento? Fiz uma pequena “colheita”, não somente em Bene, mas também em alguns de seus comentadores. No livro Sono Aparso alla Madonna, o artista diz, por exemplo: “Neste sul do Sul, nasceu o maior santo dentre os santos, aquele que excede a própria santidade: São José Desa de Copertino” (BENE, 2005/2014: 07)[viii]. Aqui, algumas afirmações de Carmelo Bene remetem a um sertão. Quando ele fala sul do Sul, isso equivale ao nosso Nordeste de anos atrás. O sul do Sul é anterior a um desenvolvimento de tipo capitalístico, o não consumismo, os santos. Quando ele diz que não é pugliese, mas salentino, isso equivaleria a dizer que não se é nordestino ou mineiro, mas sertanejo?

Em Vita di Carmelo Bene, mais uma vez ele sublinha esta distinção: “Não existe a Puglia, há Puglias[ix]. Nasço na terra de Otranto, no sul do sul dos santos. Juntar Bari e Otranto seria como dizer que Milão e Roma são a mesma coisa.”[x] (BENE; DOTTO, 1998/2008: 12)

Piergiorgio Giacchè, no texto inspirado que citei anteriormente, fala das especificidades da região salentina, naquilo que ecoam na obra de dois de seus filhos ilustres: o diretor teatral Eugenio Barba e o operador de cena, como gostava de se declarar, Carmelo Bene. Giacchè fala do diretor e pedagogo, por um lado, e do grande ator, por outro, que odiava a palavra Diretor, assim como a Pedagogia e a História. Ele lembra que o Salento é uma região pobre que, nos anos 1950, era ainda uma terra de missões religiosas e de expedições antropológicas. Fala de "um destino geográfico que fez com que o Salento se tornasse um lugar por excelência da alteridade e do subdesenvolvimento, onde a magia ainda se opunha às religiões e a tradição ainda não tinha sido derrotada pela história." (2012.:321)[xi]

Mas é talvez Deleuze quem fornece uma boa pista pra essa intuição SalentoSertão. Diz ele:

> É quando CB faz um teatro universal, com alianças inglesas, francesas, americanas que ele mais pertence à Puglia, ao Sul. O que ele tira da Puglia é uma linha de variação - ar, terra, sol, cores, luzes e sons - que ele próprio vai fazer variar de forma totalmente diferente, sobre outras linhas, por exemplo, em *Nossa Senhora dos Turcos*. Assim,ele se torna mais cúmplice da Puglia que se ele se arvorasse a ser seu poeta representativo. (DELEUZE, 2010: 62-63)

Salento é, talvez, um sertão de Carmelo Bene.

Na primeira vez que estive em Lecce, maior cidade salentina, uma pessoa me disse que Carmelo Bene não gostava de lá. Eu discordei e disse que ele fazia várias referências à região e que havia muitos traços – linhas - que passavam por ali e passavam também em obras dele. Entendo sim que Carmelo Bene desprezasse e não tivesse paciência com poses forçadas de pretensos intelectuais, artistas e de políticos locais, que lhe pareciam ignorantes e pedantes, desprezo que ele não tinha nenhum pudor em explicitar. Mas o

Salento salta dos textos, entrevistas e obras de Bene, obviamente a seu modo, um modo sempre original, peculiar.

Falando de outra maneira, talvez linhas que atravessam/passam pelo Salento também passam/atravessam o sertão e vice-versa. E esse tal sertão seria o de Rosa, que nos leva pra outra parte, prum descampado de solidão e deserto, um oeste, como disseram Guattari e Deleuze da geração *beatnik*, ou um sul, como fala Bene. Em conversa com o professor Giacchè, ele me perguntou por que atravessar o Atlântico pra conhecer algo tão italiano como Bene? A que eu respondi: "Bene nos leva para outra parte." É claro que existem outros sertões e muitos Salentos. Giacchè mesmo fala sobre um Salento solar, aquele de Eugenio Barba, e um Salento lunar, o de Bene. Esse aqui foi apenas um exercício de apresentar uma sensação, ou de falar através dela. Afinal: "Luar que só o sertão viu. Vim dele." (ROSA, 2001: 450)

Referências

BENE, Carmelo; DOTTO, Giancarlo. **Vita di Carmelo Bene**. Milano: Bompiani, 1998/2008.

BENE, Carmelo. **Sono aparso alla Madonna**. Milano: Bompiani, 2005/2014.

DELEUZE, Gilles (1981). **Lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DELEUZE, Gilles. Um manifesto de menos. .In: ___ **Sobre o teatro**. Rio de

Janeiro: Zahar, 2010. 25-64

GACCHÈ, Piergiorgio. Eugenio Barba e Carmelo Bene: Vite Parallele e Viaggi Perpendicolari.**Teatro e storia.** n. 33, 2012. 321-332. Disponível em http://www.teatroestoria.it/pdf/33/33-17-GIACCHE.pdf Acesso 03/11/2016. HERRY, Ginette. Biographie artistique. In: BENE, Carmelo et al. **Carmelo Bene**. Paris: Dramaturgie; José Guinot, 1977.

KASTRUP, Virgínia. A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade. **Revista Trama Interdisciplinar**. v. 3, n. 1 (2012) Disponível em http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/5000 Acesso 12/07/2016.

KASTRUP, Virgínia. A cognição contemporânea e a aprendizagem inventiva. In: ____; Tedesco, Silvia; Passos, Eduardo. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 93-112.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. In: LINS, Daniel. (Org.). **Nietzsche e Deleuze**: pensamento nômade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 207-23.

ROSA, João Guimarães (1956). **Grande sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SASSO, Robert; VILANI, Arnaud (Org.) Le Vocabulaire de Gilles Deleuze. **Les Cahiers de Noiesis.** 3, Printemps 2003.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

[i] ROSA, 2001, p. 302 e BENE, 1977, p. 107 (tradução nossa). Todas as citações de Bene ou de textos sobre ele foram livremente traduzidas por mim. ii

On Voyage avec sa faim. La mienne pouvait bien être aussi une faim intelectuelle, ou une soif intelectuelle. Parce que on peut quitter les Pouilles, mais elles ne vous quittent pas. iii

Il Salento è piccolo, isolato e ignorato: una zolla di terra chiusa e conclusa nel tacco dello stivale. E l'Italia sembra uno stivale solo se la si guarda dal cielo, mentre stesa a terra diventa un corpo diviso fra testa e pancia e piede: la testa

del nord industriale ed europeo, la pancia del centro e di Roma politica e papale e il piede del sud, sul quale si sprecano da sempre volgari stereotipi maleodoranti . Il piede, come si sa, è la parte più bassa e trascurata di un corpo, anche se poi è quello che ne porta il peso. E il tallone poi è la parte posteriore e nascosta, la stessa che la mitologia vuole più fragile e indifesa. iv

Affondare la propria origine – non necessariamente connessa alla nascita – in terra d'Otranto è destinarsi un reale-imaginario. v

Ora dove questo Pensiero depensa si spensiera, via via scendendo fino a Capo Leuca. Lì comincia la Magna Grecia. A sud del Sud. La Magna grecia è il depensamento del pensiero del Sud.

vi

Culturellement je ne suis pas italien, mais Arabe. (,,,) Les Pouilles étaient une terre très pauvres. Elle a donné un saint d'ailleurs: saint Joseph de Copertino, qui volait dans les airs.

C'étaient des gens qui, ne sachant pas marcher, volaient. Regardez le baroque de Lecce: totalement si arbitraire, si vraiment anarchique, si fou. Et il était fait par des artisans: pas une seule signature...

vii

Otranto. Da sempre magnifico, religiosissimo bordello, casa di cultura tolerante confluenze islamiche, ebraiche, arabe, turche, cattoliche. (...) quando si disce Puglia, non si deve mai confonderla com quela fascia del Salento, giù, giù fino Capo Leuca, detta ancora Magna Grecia. Dove fino a pochi anni fa i portuali greci si lasciavano intendere nei dialetti indigeni di Calimera, Gallipoli ecc. viii

In questo sud del Sud è nato il più grande santo tra i santi, colui che eccede la santità stessa: Giuseppe Desa da Copertino. ix

Carmelo Bene usa aqui Puglia no plural italiano: Puglie. É no plural que essa região é chamada em francês: les Pouilles, cf. nota ii.

x

Non esiste la Puglia, ci sono le Puglie. Nasco in terra d'Otranto, nel sud del sud dei santi. Mettere insieme Bari e Otranto sarebbe come dire che Milano e Roma siano la stessa cosa. xi

un destino geografico che ha fatto sì che il Salento diventasse il luogo per eccellenza dell'alterità e dell'arretratezza, dove la magia ancora si opponeva alla religione e la tradizione non era stata ancora sconfitta dalla storia.